

Mesmo antes de produzir suas primeiras palavras, a criança revela ser capaz de estabelecer referências e adquirir um conjunto estável de correspondências palavra-mundo, a partir de uma expectativa inicialmente ampla de que palavras novas vinculam-se a uma vasta gama de propriedades comuns aos seres/objetos nomeados. No percurso da aquisição, expectativas mais precisas são ajustadas de acordo com as correlações observadas entre formas gramaticais particulares e os significados associados às mesmas na língua que está sendo adquirida. No caso da aquisição do adjetivo, as expectativas mais específicas que vinculam essa forma gramatical a seu significado são uma conquista subsequente no desenvolvimento lingüístico da criança, a qual aparentemente se constrói sobre a relação nome-entidades/eventos, sendo modelada pelas propriedades semânticas e sintáticas dos adjetivos na língua em aquisição.

Nesse sentido, em termos mais gerais, este estudo se desenvolveu com vistas a contribuir para o desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem que explicita o modo como a criança chega à sintaxe da língua, fazendo uso de informação proveniente das interfaces fônica e semântica na delimitação de categorias gramaticais. Mais especificamente, procurou-se verificar em que medida a análise de adjetivos adjuntos ou predicativos possibilitaria a representação do adjetivo como uma categoria que apresenta uma propriedade ou atributo de um referente, dado o pressuposto de que enunciados lingüísticos são semanticamente interpretáveis, e permitem fazer referência a entidades e eventos. Esta tese se desenvolveu, ainda, com vistas a verificar se traços semânticos de afixos derivacionais formadores de adjetivos denominais seriam representados pela criança, de modo a permitir que ela os interpretasse na interface semântica, à semelhança do que fazem os falantes adultos da língua.

Adotou-se uma perspectiva psicolingüística de aquisição da linguagem, aliada a uma concepção minimalista de língua, em que se tomou como referência a hipótese do *bootstrapping* fonológico, segundo a qual a criança seria sensível às propriedades fônicas de elementos de classes fechadas, como determinantes e afixos (no caso deste trabalho, os sufixos derivacionais). Considerou-se, adicionalmente, a hipótese do

*bootstrapping* sintático, fundada no pressuposto de que a criança, por meio da análise sintática a qual já seria apta a conduzir, perceberia que o traço categorial o qual define adjetivos diz respeito à atribuição de propriedades a entidades e eventos. Assumiu-se que, com base nessa análise, uma dada forma gramatical seria identificada pela criança como *adjetivo*, quando do processamento de enunciados lingüísticos que incluíssem essa categoria lexical como adjuntos e/ou predicativos.

Isso posto, quatro experimentos foram realizados durante o desenvolvimento da tese: três com crianças e um com adultos falantes do PB. Os resultados dos experimentos conduzidos com crianças (Experimentos 1, 2 e 4) são compatíveis com a hipótese que orienta este trabalho, pois sugerem que:

- ▶ crianças em torno do segundo ano de vida adquirindo o PB levam em conta as propriedades distribucionais do determinante para o estabelecimento do valor do padrão de ordem, identificando o adjetivo a partir de sua relação com o nome;
- ▶ informação morfofonológica proveniente de sufixos derivacionais formadores de adjetivos denominais é levada em conta pela criança na atribuição a uma dada palavra do traço categorial definidor do *adjetivo*, identificando-a enquanto elemento do léxico que atribui propriedades ao *nome*, principalmente quando há variação do valor do padrão da ordem D/NP(DP) ;
- ▶ crianças adquirindo o PB interpretam semanticamente afixos derivacionais formadores de adjetivos denominais, em conformidade com o conhecimento intuitivo dos falantes adultos de sua língua (ainda que essa habilidade aumente dos 3 para os 5 anos).

Os resultados do Experimento 1 indicam que, quando a pseudopalavra foi empregada sem sufixo em presença do determinante, houve uma tendência a mais respostas relativas à *categoria*, o que sugere uma sensibilidade das crianças à posição estrutural desse elemento funcional, identificando a pseudopalavra como nome. Por outro lado, quando à raiz da pseudopalavra foi associado um sufixo derivacional, o número de escolhas relativas à propriedade-alvo dos objetos foi estatisticamente

significativo, indicando que os sufixos são pistas robustas para a identificação da pseudopalavra como uma categoria que atribui propriedades ao elemento referido.

De acordo com os resultados do Experimento 2, é possível depreender que o padrão de ordem é prevalente para a identificação de categoria (=nome) ou propriedade (propriedade), tendo em vista o maior número de respostas relativas à propriedade dos objetos, quando o pseudo-adjetivo foi empregado à direita do nome *com* ou sem *sufixo*. Isso sugere que a criança identificou a primeira pseudopalavra apresentada como Nome, e a segunda, como Adjetivo. Na presença do sufixo derivacional, a informação morfofonológica é prevalente para o estabelecimento pela criança da correspondência entre a pseudopalavra com afixo e a propriedade (= adjetivo). As crianças parecem fazer uso desse tipo de informação para atribuir à pseudopalavra com sufixo os traços definidores da categoria dos adjetivos, principalmente naquelas em que há variação do padrão de ordem. Os resultados indicam que a adjunção de adjetivos no DP contribui para a interpretação da referência específica, chamando a atenção da criança para uma propriedade do elemento referido.

No que concerne ao Experimento 4, as evidências experimentais indicam que crianças em fase de aquisição do PB são capazes de identificar os sufixos na interface fônica e interpretá-los na interface semântica (ainda que essa habilidade aumente dos 4 para os 5 anos). As crianças atribuem o traço categorial que define adjetivos a uma pseudopalavra, identificando-a como um elemento do léxico que atribui propriedades a um elemento nomeado, dado o pressuposto de que enunciados lingüísticos se referem a entidades e eventos.

No que diz respeito ao experimento com adultos falantes do PB, os resultados indicam que seu conhecimento intuitivo acerca dos traços semânticos de afixos derivacionais (em particular *-oso* e *-ento*) formadores de adjetivos denominais é compatível com o que é reportado intuitivamente na literatura. Uma observação importante acerca do referido experimento é a de que este foi concebido, durante o desenvolvimento da tese, a partir da necessidade de se verificar em que medida as crianças interpretariam sufixos semanticamente não-vazios formadores desse tipo de

adjetivos. Isso acabou por introduzir uma metodologia experimental que permitisse verificar o conhecimento intuitivo do falante acerca dos traços semânticos dos sufixos.

Dentre as muitas possibilidades de estudo sobre a aquisição de adjetivos no português, destacam-se no momento a posição estrutural dessa categoria no DP e a morfologia flexional de nomes e adjetivos. No que concerne à posição estrutural, tendo em vista o pressuposto de que a identificação de elementos de categorias lexicais possa ser facilitada por um procedimento de *parsing* que leve em conta elementos funcionais, tem-se que a fixação do valor do padrão de ordem no DP de que façam parte os adjetivos é mais tardia, pois requer que a capacidade do aprendiz da língua de relacionar elementos mantidos numa janela de processamento seja ampliada (cf. 2.1). Em exemplos como, (1a) “Ronaldo é um jogador grande” e (1b) “Ronaldo é um grande jogador”, a mudança quanto à interpretação semântica do adjetivo decorre da variação do valor do padrão de ordem deste em relação ao *nome* no DP. Estudos que explorem a sensibilidade por parte de crianças em fase de aquisição à mudança do significado do adjetivo, em função da alteração do valor desse padrão, podem prover evidências acerca do descompasso entre compreensão e produção dessa categoria lexical.

No que diz respeito à morfologia flexional do adjetivo e do nome, embora não haja morfemas especializados para legitimar traços semânticos que permitam delimitar uma e outra classe (como em amigo *rico*; amiga *rica*; comerciantes *brasileiros*; vendedores *japoneses* – cf. 3.2), o uso de informação flexional proveniente da concordância de gênero e de número entre nome/adjetivo pode ser crucial para o estabelecimento da referência específica em sentenças como:

(2a) “João encontrou Maria cansado.”

(2b) “João encontrou Maria cansada.”

(3a) “Alice encontrou as amigas sozinha.”

(3b) “Alice encontrou as amigas sozinhas.”

O paradigma teórico aqui assumido permite tratar os adjetivos “cansado/cansada; sozinha/sozinhas” como predicados secundários, ou seja, predicados que atribuem papel temático a um argumento já tematizado na relação de predicação primária. Os exemplos acima servem de motivação a uma pesquisa que busque aferir a capacidade de crianças

que já produzem enunciados de mais de duas palavras de identificarem o valor do traço de gênero e número de nomes, atribuindo-o a um adjetivo para o estabelecimento da referência. No caso dos exemplos acima, informação relativa a elementos de classe fechada, como a proveniente dos afixos flexionais, pode ser uma importante fonte de informação de natureza sintática e referencial, através do estabelecimento da concordância, informação esta que a criança pode levar em conta na delimitação do adjetivo enquanto categoria lexical que atribui propriedades a um nome específico.

No capítulo 2, ponderou-se que o arcabouço do Programa Minimalista adota a distinção clássica entre flexão e derivação como tipos distintos de morfologia: a flexão representa a interação entre a morfologia e a sintaxe, enquanto a formação de palavras está em interação com o léxico. O processo da flexão é semanticamente transparente enquanto o da derivação não o é. A análise de que entre os afixos derivacionais *-oso* e *-ento*, o sufixo *-ento* denota negatividade (Experimentos 3 e 4, capítulo 6) é compatível com essa distinção, por atribuir a faculdade de mudança semântica à entrada de um dado sufixo na derivação. Porém, esta teoria não explica o comportamento “errático” de *-oso* e *-ento* (como se discutiu na subseção 3.4.1). Em raízes negativas, tanto *-oso* como *-ento* ficam negativos, como horror – horroroso, perigo – perigoso, fedor – fedorento. Isso indica que o contraste significativo para a teoria lingüística não se opera entre o processo de flexão e o de derivação, mas sim entre duas computações lingüísticas: a primeira concatenação (da camada morfológica) e as seguintes: a primeira introduz o morfema interno, que tem relevância para a semântica, para a arbitrariedade saussureana. A segunda introduz um ou mais morfemas externos, que têm relevância para a sintaxe. As propriedades não são predeterminadas e são definidas a partir de interpretações de interface que se aplicam sobre as configurações finais sintaticamente marcadas: note-se que a idéia de negatividade se esvai se o sufixo *-ento* se concatena a raízes verbais (calçar- calçamento, bater – batimento, alongar – alongamento). Questões como essas, além das elencadas no capítulo 3, que dizem respeito a dificuldades em se delimitar os contornos da categoria adjetival, em português, motivam o esboço de uma proposta que extrapola os limites deste trabalho: a de se considerar a natureza lexical de uma categoria em função do seu ambiente sintático. Os adjetivos representam, a esse respeito, um caso de estratégia de identificação categorial em que Léxico e Sintaxe colaboram obrigatoriamente, trazendo para a cena as ferramentas da Morfologia Distribuída.

Muitas outras questões podem ser ainda exploradas. Nesse cenário, a presente tese procurou contribuir para uma teoria da aquisição da linguagem fundada no processamento de informação das interfaces da língua com sistemas perceptuais e conceptuais, na qual se enfatiza o papel de categorias funcionais e de elementos de classe fechada, tais como os sufixos derivacionais, na identificação do que há de específico na língua. Este estudo também introduz uma metodologia experimental que permite complementar o resultado de análises lingüísticas pertinentes à morfologia, no que concerne ao conhecimento intuitivo do falante acerca dos traços semânticos de afixos. Diante do que foi apresentado, espera-se que este trabalho possa servir como ponto de partida para pesquisas futuras sobre o processo de aquisição de adjetivos, área em que ainda há poucos estudos em português.